

Extensão universitária: possibilidade de práxis libertadora pela ética do cuidado

University extension: the possibility of a liberating praxis by the ethics of care

Iliria França Wahlbrinck ¹ e Luci Mary Duso Pacheco ²

¹Mestrado em Educação, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI,
Frederico Westphalen, RS, Brasil

²Doutorado em Educação, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI,
Frederico Westphalen, RS, Brasil

Resumo

Neste estudo objetiva-se conhecer se a efetividade da Ética do Cuidado em projetos de extensão universitária possibilita diálogo sobre práticas educativas libertadoras. Para isso, utiliza-se abordagem qualitativa e estudos bibliográficos na construção e análise de um aporte teórico que possibilite a compreensão do Cuidado como constitutivo do ser humano no contexto e fazer universitário. Universidade é instituição em que ocorre formação de lideranças comprometidas com a transformação do que não contribui para dignidade de vida. Nela, ensino-pesquisa-extensão devem ser desenvolvidos indissociadamente. Ensino é formação acadêmica básica; suporte teórico que fundamenta pesquisa e extensão. Pesquisa é atividade voltada para solução de problemas; é busca e indagação. Extensão é processo educativo, cultural e científico; articuladora entre ensino e pesquisa. É ponte permanente entre comunidade e Universidade, em que ambos aprendem pelo diálogo e troca de saberes. No empenho da educação que forma para transformar, a ação extensionista pode configurar prática pedagógica libertadora, cuidadora. A contemplação da Ética do Cuidado no seu desenvolvimento oportuniza a transformação pela efetivação de práxis humanizadora no contexto histórico-social em que a universidade esta inserida.

Palavras-chave: Ética do cuidado. Extensão universitária, Práxis libertadora. Humanização.

Abstract

In this study we aim to get to know if the effectiveness of the Ethics of Care in University Extension projects enables dialogue on liberating educational practices. In order to it, we use a qualitative approach and bibliographical studies in the construction and analysis of a theoretical framework that enables the understanding of care as constitutive of the human being in the university context and practice. University is the institution where the formation of leaders committed to the transformation of what does not contribute to the dignity of life occurs. In it, teaching-research-extension should be developed inseparable. Education is basic academic formation; theoretical support that bases research and extension. Research is an activity focused on problem solving; is search and inquest. Extension is an educational, cultural and scientific process; articulator between teaching and research. It is permanent bridge between the community and the University, where both learn through dialogue and exchange of knowledge. Committed to an education that forms to transform, the extension action can configure a liberating, caregiver pedagogical practice. The contemplation of the Ethics of Care in its development provides opportunities for transformation through the execution of humanizing praxis in a historical and social context where the university is inserted.

Keywords: Ethics of care. University extension. liberating praxis. Humanization.

1 Introdução

Neste estudo, objetiva-se conhecer e analisar se a efetividade da Ética do Cuidado em projetos de extensão universitária possibilita um diálogo sobre práticas educativas libertadoras. Abordada sob a perspectiva da relacionalidade, da interdependência e da complementaridade, a proposta sugere o Cuidado como constitutivo do ser humano em sua autenticidade.

A pesquisa é direcionada por três guias. A primeira compreende que a Ética do Cuidado consiste em um modo de ser e de conviver. A segunda compreende que projetos de extensão universitária são o elo entre universidade e comunidade. A terceira compreende que práticas educativas libertadoras são cuidadoras; consistem em ação ética, dialógica e (trans)formadora.

Considera-se que, para cuidar, não basta somente ver, escutar, perceber e amparar o outro. Cuidar não é só assistir e nem somente prevenir. Igualmente, cuidar não é meramente informar, nem somente instruir. Cuidar é promover dignidade de vida, implica em (trans)formar o fenômeno do descuido em Cuidado. É por isso que é educação.

Conforme Freire (1985), o verdadeiro papel que cabe aos homens é serem sujeitos de transformação do mundo, com o qual se humanizam. Esse processo requer educação. A educação implica em transformar-se a si mesmo (autoconhecimento), transformar o mundo (conhecimento) e estabelecer uma relação de respeito e complementaridade entre todos e também em relação ao ecossistema (reconhecimento). Nesse sentido, é tarefa exclusiva do ser humano.

Tomar consciência de que humanizar consiste num modo de ser e de conviver em que o Cuidado seja princípio orientador é despertar para um ethos humanizador. Para Heidegger (2005, p.17), “para onde se dirige *“o cuidado”*, senão no sentido de reconduzir o homem novamente para sua essência? Que outra coisa significa isto, a não ser que o homem (*homo*) se torne humano (*humanus*)?”. Trata-se de adotar o Cuidado, como saber e fazer, como uma forma de vida – ethos – fundamentada em princípios universais que, se negligenciados e esquecidos, resultam em desumanização. Para não serem esquecidos ou negligenciados, requer-se que sejam (re)lembrados e ensinados. Isso, mais uma vez, remete à educação.

Considerando-se que a universidade possui um papel marcadamente social e que a sociedade busca respostas, há um indispensável comprometimento por parte da instituição formadora com a história dos homens, pois estes a compõe. Sem humanidade não há universidade. Este compromisso ativo, com incentivo ao pensamento crítico-reflexivo e o conhecimento das realidades onde está inserida, faz com que a universidade cumpra sua determinação: educar os homens para o mundo e a vida.

A consciência cidadã é que conduz a uma forma de ser em que a humanidade¹ é vivenciada em relações. Conforme Schmidt (2011, p.107), “em linhas gerais, o papel da universidade requer a relação imediata ao resgate dos princípios que devem nortear o desenvolvimento socioespacial, sobretudo, as intenções para promoção da cidadania e da participação”. Relações se estabelecem no mundo da vida a partir da participação de pessoas que assumem a responsabilidade de sujeitos da história, independente da área em que atuem.

Cabe observar que os homens se fazem, se constroem, na palavra, no trabalho, na unidade dialética indissociável da ação-reflexão. Para tal é preciso que educadores e educandos se assumam como agentes transformadores, cuidadores. Inseridos criticamente na história, assumem a posição de sujeitos: fazem e refazem o mundo e não simplesmente reproduzem saberes e práticas científicas, frutos de um discurso monológico, concebido como unicamente verdadeiro e definitivo.

¹ O termo refere-se a um jeito humano de ser.

A responsabilidade de ser cuidador, assumida como forma de ser e de conviver, configura-se em ethos. Tal responsabilidade não é imediatista, casuísta ou simplista justamente por estar fundamentada em um princípio humanizador, cuidador².

Para Crisostimo (2011, p.15): “a universidade brasileira tem o desafio de formar profissionais criativos, sujeitos e atores sociais que possam contribuir efetivamente para a melhoria de vida em nosso país”. Isso implica na responsabilidade de assumir-se como instituição que prima pela qualidade no ensino e no desenvolvimento de pesquisas e ações cujo resultado dignifique a vida e o conviver. Parece certo, então, dizer que a função da universidade é formar (o ser humano) para transformar (o contexto histórico-social em que esse ser humano é).

A universidade é, por excelência, instituição em que se dá a formação de lideranças que, em sua atuação profissional, serão sujeitos comprometidos com a transformação daquilo que não contribui para dignidade de vida. Heidegger (2009, p. 7) afirma que “a liderança é o comprometimento com uma existência que, em certa medida, compreende de maneira mais originária, global e definitiva as possibilidades do ser-aí humano, devendo, a partir dessa compreensão, funcionar como modelo”. Esclarece, ainda, que liderança significa “dispor de possibilidades mais elevadas e mais ricas da existência humana que não se impõem aos outros, mas, de maneira discreta, são exemplares e, assim, particularmente eficazes” (idem, p. 9). Ser modelo não é, pois, sinônimo de imposição, mas de libertação. É um jeito de ser que, por ser exemplar, se torna eficaz no processo de humanização.

Conforme Sousa Santos (2010), para que seja reconhecida como tal, uma universidade precisa desenvolver ensino como formação graduada e pós-graduada, pesquisa e extensão. No artigo 207 da Constituição Brasileira, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão constitui um princípio. Para Moita e Andrade (2009, p. 269), “a indissociabilidade é um princípio orientador da qualidade da produção universitária, porque afirma como necessária a tridimensionalidade do fazer universitário autônomo, competente e ético”. Somente interligados e relacionados estes três fazeres universitários possibilitam vislumbres de transformação dos sujeitos neles envolvidos e do contexto histórico-social no qual a universidade se encontra inserida.

2 Metodologia

A presente pesquisa tem como problema de pesquisa compreender se a contemplação da Ética do Cuidado em projetos de extensão universitária pode propiciar um diálogo sobre práticas educativas libertadoras.

A pesquisa tem uma abordagem qualitativa, pois relaciona sujeito e objeto em interdependência. É feita a partir de estudos bibliográficos na construção e análise de um aporte teórico que possibilite a compreensão do Cuidado como constitutivo do ser humano no contexto e fazer universitário..

Quanto aos fins a pesquisa é exploratória, considerando-se que há pouco conhecimento acumulado e sistematizado sobre o tema. Quanto aos meios, é descritiva, pois objetiva-se a pesquisa sobre a efetividade da Ética do Cuidado em projetos de extensão universitária a fim de perceber se eles possibilitam um diálogo sobre práticas educativas libertadoras.

3 Resultados e discussões

O ensino, a pesquisa e a extensão constituem os três instrumentos básicos da Universidade. Considera-se que eles devem ser equivalentes e merecer igualdade em tratamento por parte das instituições de ensino superior, atendendo ao artigo 207 da Constituição Brasileira, o qual dispõe que “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”.

² Sobre isso, cita-se o pensamento de Sousa Santos (2009, p. 112): “O novo princípio da responsabilidade reside na Sorge, na preocupação ou cuidado que nos coloca no centro de tudo o que acontece e nos torna responsáveis pelo outro, seja ele um ser humano, um grupo social, a natureza etc.; esse outro inscreve-se simultaneamente na nossa contemporaneidade e no futuro cuja possibilidade de existência temos de garantir no presente. A nova ética não é antropocêntrica, nem individualista, nem busca apenas a responsabilidade pelas consequências imediatas. É uma responsabilidade pelo futuro.”

Conforme Silva (2002, p.1), a obrigatoriedade constitucional (art 207) da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é extremamente importante para que as universidades sejam conduzidas, associando e integrando as atividades de ensino, pesquisa e extensão de maneira que se complementem, para bem formar seus profissionais universitários. Pela pesquisa, aprimora-se o conhecimento existente e produz-se novos conhecimentos; pelo ensino, conduz-se esses aprimoramentos e os novos conhecimentos aos educandos; pela extensão pode-se proceder a difusão, socialização e democratização do conhecimento existente, bem como das novas descobertas. Além disso, a extensão também complementa a formação dos universitários, dada nas atividades de ensino, com a aplicação prática.

Pela indissociabilidade promove-se o processamento da interatividade crítica que rompe, por sua vez, com a cultura dissociativa entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Torna-se princípio fundante para a articulação concreta das atividades-fins do ensino superior. Pimenta (2002 p.164) confirma a importância da relação entre ensino, pesquisa e extensão, destacando que

entendemos a universidade como instituição educativa cuja finalidade é o permanente exercício da crítica, que se sustenta na pesquisa, no ensino e na extensão. Ou seja, na produção do conhecimento por meio da problematização dos conhecimentos historicamente produzidos, de seus resultados na construção da sociedade humana e das novas demandas e desafios que ela sustenta.

Nesse sentido, a relação ensino/pesquisa/extensão supõe a transformação significativa do fazer pedagógico possibilitando a alunos e professores assumirem a condição de sujeitos dos processos de ensino e aprendizagem, levando à socialização e à democratização do saber acadêmico, estabelecendo uma dinâmica de intercâmbio e participação nas comunidades internas e externas na vida universitária.

3.1 Pesquisa

Considera-se pesquisa toda atividade voltada para a solução de problemas, como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade. Segundo Pádua (2002, p. 54), é a atividade que vai permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que auxilie na compreensão desta realidade e oriente as ações frente a ela tomadas.

Na universidade, compreende-se a Pesquisa enquanto princípio científico e acadêmico, formando matéria prima do conhecimento, considerada atividade fundamental do ensino, da promoção e difusão do conhecimento e das ações e programas de extensão. A pesquisa, função básica da universidade, objetiva promover o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, bem como a criação e difusão da cultura, em perfeito entrosamento com o ensino e a extensão.

A pesquisa visa a produção de conhecimento novo, fidedigno, teórico e com relevância social. Com a evolução do pensamento epistemológico, a pesquisa como “busca da verdade” foi substituída pela pesquisa como tentativa de aumentar o poder explicativo das teorias. Assim, o pesquisador passa a ser um intérprete da realidade pesquisada, capaz de demonstrar a fidedignidade e a relevância teórico-social do conhecimento produzido.

Assim, a pesquisa na universidade garante o suporte às atividades de ensino e de extensão, consolida grupos e redes, sustenta a pós-graduação e a produção intelectual, realimenta e qualifica a extensão universitária.

Conforme Demo (1996, p.128), “[...] a pesquisa exige diálogo crítico com a realidade, culminando na elaboração própria e na capacidade de interpretação”. Sem a pesquisa, compreendida como diálogo com a realidade, não há emancipação histórica criativa. A pesquisa deve ser vista como processo que perpassa toda a vida acadêmica. Sem pesquisa não há como falar em Universidade, pois, só para ensinar, ela não se faz necessária.

A pesquisa deve fundamentar o ensino, ser matéria prima do conhecimento. É um princípio científico e educativo que faz parte do processo emancipatório. Pesquisa deve ser vista como processo social que perpassa toda vida acadêmica e penetra na medula do professor e do aluno. Sem ela não há como falar de universidade, se a compreendermos como descoberta e criação. Somente para ensinar, não se faz necessária essa instituição e jamais se deveria atribuir esse nome a entidades que apenas oferecem aulas. (DEMO 2004, p. 36)

Além de permitir que o conhecimento seja adquirido de forma prazerosa e transformadora, favorecer o raciocínio e a reflexão crítica, a pesquisa proporciona troca constante de informações e saberes. Dessa forma assume, frente à educação, um papel de suma importância: o de promover uma aprendizagem efetiva. Porém, para que cumpra o papel a que é destinada, faz-se necessário discutir mudanças metodológicas, usualmente adotadas por professores. Meras atividades de aprendizagem e fixação, geralmente, não produzem questionamentos que possam incrementar o processo de ensino-aprendizagem.

Na universidade, a pesquisa é oportunizada através da iniciação científica, das monografias de conclusão de curso, da busca e participação crescente de professores e acadêmicos em projetos e programas desenvolvidos pelos departamentos e áreas do conhecimento da universidade.

3.2 Ensino

O ensino, na universidade, corresponde à organização curricular das disciplinas. São os conteúdos, saberes e conhecimentos dinamizados pela atuação do professor em sala de aula. Pode ser identificado como a concretização de um conjunto sistematizado de atividades pedagógicas com orientação formativa para a cidadania.

Ele pode ser considerado estímulo para ampliação dos conhecimentos sendo, também, a formação acadêmica básica, suporte teórico para fundamentar a pesquisa e a extensão. Assim, o ensino transcende aspectos do mercado, formando profissionais além de competentes, conscientes.

Ensinar não se caracteriza com o simples ato de transferir conhecimentos por aqueles que sabem àqueles que não sabem. A palavra ensino não chega a ter esse sentido para a totalidade dos que participam da vida escolar e dos segmentos sociais.

Rays (2006, p. 6) diz que

Essa assertiva, fundada na realidade social e técnico-científica de nosso tempo, induz-nos a buscar uma nova razão para o ensino, no âmbito da educação escolar (em todos os níveis e modalidades de ensino), para que a mesma não se situe em desnível com as necessidades da realidade concreta. É indispensável, pois, repensar o conceito de ensino a fim de adequá-lo ao momento histórico presente (com vistas ao futuro próximo) e fazer com que as atividades didáticas escolarizadas se voltem para o desenvolvimento das formas superiores de pensamento, de ação e que possam resultar para o educando numa sólida formação política e científica a respeito do mundo da natureza e do mundo da cultura. Optando-se assim, por essa concepção de ensino, necessitam-se selecionar procedimentos didáticos que promovam o aprendizado crítico de conteúdos, habilidades, hábitos e valores.

Para isso, o processo de preparação profissional deve transcender aos aspectos voltados exclusivamente para o mercado. Deve, também, tratar dos problemas sociais enquanto conteúdo do saber, com o propósito de garantir a preparação de profissionais não só competentes, técnica e cientificamente, mas também conscientes de seu papel enquanto cidadãos. Ou seja, capacitados para atuar criticamente em vista das questões políticas e sociais. Então, o ensino transcende aspectos do mercado e tem, como objetivo, formar profissionais competentes no âmbito técnico e científico, mas também conscientes. (PROEn – URI, 2005)

3.3 Extensão

É através da extensão que a Universidade dá e recebe conhecimento, pois a mesma é processo educativo, cultural e científico, que possibilita articulação entre ensino e pesquisa. É ponte permanente

entre os diversos setores da comunidade e a Universidade, onde ambos aprendem. Botomé (1996, p. 36) afirma que “A extensão pode ser vista como uma parte do fazer humano que é realizado pela Universidade”.

A extensão universitária é um processo que vai até a sociedade, aos diversos segmentos sociais, a fim de estender o produto do ensino e o produto da pesquisa gerados no âmbito acadêmico. Ao mesmo tempo, nessa mesma acepção, a extensão universitária caracteriza-se como um processo que traz para a universidade tanto os problemas quanto os conhecimentos gerados nos mais variados segmentos da sociedade. (RAYS, 2006)

Através das atividades de Extensão, a universidade coloca a disposição da comunidade cursos e programas que abrangem diversas áreas de interesse. Estas atividades objetivam o estímulo e o desenvolvimento das potencialidades pessoais, criando e ocupando espaços adequados às necessidades e expectativas das pessoas, na busca da dinamização do processo ensino e pesquisa, com a troca de saberes, além do atendimento a demandas regionais.

A extensão universitária é uma espécie de ponte permanente entre a universidade e os diversos setores da sociedade. Funciona como uma via de duas mãos, em que a universidade leva conhecimento e/ou assistência à comunidade e recebe, dela, influxos positivos como retroalimentação, tais como suas reais necessidades, seus anseios, aspirações e, também, aprendendo com o saber dessas comunidades.

Existe uma troca de conhecimentos, em que a universidade também aprende com a própria comunidade sobre os valores e a cultura dessa comunidade. Assim, a universidade, através da Extensão, influencia e também é influenciada pela comunidade; possibilita uma troca de valores e de saberes entre a universidade e o meio.

Extensão é processo educativo, cultural, científico que articula Ensino e Pesquisa de forma indissolúvel e viabiliza uma relação transformadora entre Universidade e sociedade, levando a instituição aos diversos segmentos sociais: entidades governamentais, setor privado, comunidade, movimentos sociais e público consumidor de conhecimentos, artes e esportes. (PDI - URI, 1999/2004).

A ação de estender o conhecimento, via extensão universitária, operacionaliza-se por meio de práxis dialética de produção/reprodução crítica do conhecimento, práxis essa mediadora entre universidade-sociedade-universidade.

Rays (2006, p.4) define duas grandes modalidades, ofertados pelas instituições de ensino, nos Programas de Extensão: 1) *a Extensão como atividade extracurricular*; 2) *a Extensão como serviços sistemáticos à comunidade*.

Na primeira modalidade (extensão como atividade extracurricular) são ofertados: a) cursos de difusão cultural; cursos de extensão universitária; cursos de aperfeiçoamento, cursos de especialização (a extensão como uma das modalidades de cursos é herança da concepção europeia de extensão universitária, referendada pela legislação educacional brasileira em 1931, pelo Decreto 19.851 e, posteriormente, pela LDB 4.024/61); b) organização de congressos, seminários, encontros, palestras; c) assessoria a órgãos públicos e privados; d) atendimento a instituições profissionais; e) atividades filantrópicas. Na segunda modalidade (serviços sistemáticos à comunidade) são ofertados: a) admissão de profissionais com curso superior, nos cursos de bacharelado e licenciaturas como alunos especiais (educação continuada); b) minicursos, oficinas pedagógicas, etc., nas mais variadas áreas do conhecimento; c) programas de alfabetização de adultos (aos vários segmentos da sociedade).

O Plano de Desenvolvimento Institucional e os Projetos Político-Pedagógicos dos cursos de graduação e de pós-graduação são componentes essenciais para que as instituições do ensino superior passem do discurso à ação concreta, pois não se faz extensão universitária sem planejamento próprio e sistemático.

4 Conclusões

Caminhar rumo à transformação, rumo à humanização pelo Cuidado, requer postura dialógica, qualquer que seja a área em que se atue. Requer-se, pois, a compreensão de que a transformação

somente é possível a partir do diálogo porque, como bem o expressa Freire (1980, p. 83), “o diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar”.

Na proposta deste projeto, leva-se em consideração que a atualidade caracteriza-se por problemas complexos que exigem não só novas perguntas e novas respostas, mas, sobretudo posturas de respeito, diálogo, troca e complementaridade. A extensão universitária, fundamentada na Ética do Cuidado, pode, diante desse quadro, trazer importante contribuição. Para Galo (2010, p. 20),

A extensão universitária deve ter como parâmetro o tripé constituído pela ética, pela sustentabilidade e pela interdisciplinaridade. Nem todas as concepções de extensão podem cumprir esta exigência. A concepção assistencialista e a concepção mercantilista não respondem adequadamente aos imperativos do tripé, por conta de seus enfoques parciais e fragmentados. Já a concepção acadêmica tem condições de atendê-los por conta da integração entre ensino, pesquisa e extensão e de estabelecer uma relação dialógica entre universidade e sociedade.

O estudo em questão desenvolve-se na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – campus de Frederico Westphalen. Como universidade, nela se desenvolvem o ensino, a pesquisa e a extensão. A URI é uma universidade comunitária, cuja visão é “ser reconhecida como uma universidade de referência que prima pela qualidade e ação solidária, inovação e integração com a comunidade”. Como missão, almeja “formar pessoal ético e competente, inserido na comunidade regional, construindo conhecimento, promovendo a cultura, o intercâmbio, na busca da valorização e solidariedade humanas”.

No empenho de uma educação que forme para transformar, a força da ação extensionista pode se configurar como prática pedagógica libertadora. Observando-se a indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão a práxis libertadora se fará sentir no âmbito da universidade e, também, da comunidade/sociedade em que ela se insere. A relação será de complementaridade.

Considera-se que a contemplação da Ética do Cuidado no desenvolvimento da extensão universitária oportuniza a transformação pela efetivação de práxis humanizadora no contexto histórico-social em que a universidade esta inserida. Considera-se, ainda, que a prática educativa libertadora, cuidadora, fundamenta-se, basicamente, em três aspectos:

- 1) revitalização da humanidade no ser humano;
- 2) esclarecimento de conceitos basilares (educação, ética, cuidado, humano, humanização);
- 3) difusão da reflexão acerca da premência pela revitalização do Cuidado assumido como modo de ser (*ethos*).

Desenvolver ações extensionistas pelo princípio da indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão, de forma dialógica e interdisciplinar contempla a visão da Ética do Cuidado. Na busca por sua compreensão, busca-se esclarecer seu sentido a partir de três termos aí postos: ética, cuidado e extensão.

O termo “ética”, conforme Vásquez (2008) e Vaz (1988), deriva do termo grego *ethos*, significando “modo de ser” ou “caráter”, este compreendido como um modo de vida construída pelo ser humano. Tal *ethos* consiste num espaço que não é simplesmente dado ao homem, mas sim por ele constantemente (re)construído. É, por isso, o lar, o chão, o abrigo onde se constrói a humanidade como modo de ser na existência, no mundo da vida, o ser-no-mundo de forma autêntica. Importa compreender que, originalmente, para os gregos, *ethos* significa a casa existencial como sinônimo de uma gama de relações tecidas entre o ambiente e a comunidade (GALO, 2010). Este *ethos*, em permanente (re)construção, assenta-se no que de mais essencial caracteriza o ser humano: o cuidado.

O termo ‘cuidado’, por sua vez, deriva do termo cuidar que, em sua origem latina, significa *cura* (*coera/Cogitare-cogitatus*). Compreende-se que, originalmente, ele nasce e se sustenta como resposta a necessidades humanas sentidas, percebidas. Por causa dessa sua origem, impõe-se como ética. O Cuidado é, então, a identidade de um *ethos* humanizador. Para Heidegger (2005) cuidar implica em

humanizar³. A cura, o cuidado⁴, constitui, assim, a essência do ser humano como um ser histórico-social em sua autenticidade⁵.

O termo "extensão" é, aqui, compreendido conforme conceituação definida pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), em 1987:

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá, como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (FORPROEX, 2012, p. 8)

Desenvolver a extensão universitária como práxis humanizadora é compreender que a humanidade consiste na consciência da incompletude e sua necessária complementaridade. Para Freire (2006, p. 56), a consciência do inacabamento do ser move a um modo de ser com vistas à complementaridade: "A consciência do inacabamento entre nós, mulheres e homens, nos fez seres responsáveis, daí a eticidade de nossa presença no mundo".

A consciência de que a falta de humanidade é deletéria conduz a um modo de ser em que relações sejam tecidas fundamentadas pelo cuidado, relações éticas, de interdependência e complementaridade. No desenvolvimento de ações extensionistas isso pode ser experimentado como troca de saberes e construção de novas possibilidades de desenvolvimento na busca conjunta por caminhos. Ao transcorrer de forma dialógica e transdisciplinar, ela será processo educativo, cultural, científico e político. Poderá, então, pontuar na comunidade, o compromisso histórico-social da universidade como instituição que se empenha para que a humanização seja resultado de uma práxis libertadora, cuidadora, caracterizada como extensão universitária.

Referências

- BOTOMÉ, Silvio Paulo. **Pesquisa alienada e ensino alienante** – o equívoco da extensão universitária. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; São Carlos, SP: Editora da Universidade Federal de São Carlos; Caxias do sul RS: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1996.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 49. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.
- CRISOSTIMO, Ana Lúcia. A produção do conhecimento na extensão universitária: estímulo à pesquisa-ação. In: SCHMIDT, Lisandro Pezzi, CRISOSTIMO, Ana Lúcia e KIEL, Cristiane Aparecida (org). **O despertar para o conhecimento científico extensionista**. Guarapuava: Inicentro, 2011.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas-SP: Autores Associados, 1996.
- DEMO, Pedro. **Universidade, aprendizagem e avaliação: horizontes reconstrutivos**. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, 2012.

³ A obra *Ser e Tempo*, de Martin Heidegger, publicada em 1927, propõe a ruptura entre o homem racional e o universo que habita, considerando-o partícipe da realidade. É nela que o autor defende que, "O 'ser-no-mundo' tem a cunhagem da 'cura', na medida do ser" (HEIDEGGER, 2008, p. 266)

⁴ O termo "cura", no original da língua alemã – *Sorge* - sofre flexão de gênero em sua tradução para a língua portuguesa, passando a ser denominada 'cuidado'.

⁵ Pertinente se faz, para essa compreensão, a leitura de Heidegger, M (2008), especialmente os §41 e §42.

- _____. **Conscientização**. São Paulo: Moraes, 1980.
- _____. **Extensão ou comunicação?** 8ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- GALO, Zildo. **Ética, sustentabilidade e interdisciplinaridade: balizas para a extensão universitária**. 2010. Disponível em <portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/viewFile/1928/1249>. Acesso em: 27 abr. 2014.
- HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- _____. **Ser e tempo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes e Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.
- _____. **Carta sobre o humanismo**. São Paulo: Centauro, 2005.
- MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro e ANDRADE, Fernando César Bezerra. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. In: **Revista Brasileira de Educação**, v.14 n.41 maio/ago 2009, p 269-280.
- PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 8ed. São Paulo: Papirus, 2002.
- PIMENTA, Selma Garrido. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002.
- PROen, Pró-Reitoria de Ensino. **URI: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões**, 2005.
- RAYS, Oswaldo Alonso. **Ensino-Pesquisa-Extensão: notas para pensar a indissociabilidade**. Disponível em <<http://www.ufsm.br/ce/revista/ceesp/2003/01/a7.htm>>. Acesso em 15 fev. 2006.
- SCHMIDT, Lisandro Pezzi. Perspectivas presentes para integração universidade-sociedade In: SCHMIDT, Lisandro Pezzi, CRISOSTIMO, Ana Lúcia e KIEL, Cristiane Aparecida (org). **O despertar para o conhecimento científico extensionista**. Guarapuava: Inicentro, 2011.
- SILVA JR., João dos Reis. **Reforma do Estado e da Educação no Brasil de FHC**. São Paulo: Xamã, 2002.
- SOUSA SANTOS, Boaventura. **A universidade do século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- _____. **A crítica da razão indolente**. 7ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- VÁSQUEZ, Adolfo Sanches. **Ética**. 30. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- VAZ, Henrique C de Lima. **Escritos de Filosofia II: Ética e Cultura**. São Paulo: Loyola, 1988.